

Regina Steffen A ACP se prepara para oferecer mais um ano de estudos de psicanálise. O Curso Introdutório à Obra de Freud reinicia novo ciclo de quatro anos totalmente dedicados à teoria freudiana, cujos primórdios datam de mais de cem anos.

É, então, oportuno refletirmos sobre a inserção da psicanálise neste século XXI, época de liquefação das certezas e de busca de soluções fáceis e principalmente rápidas.

Os mais desavisados poderiam mesmo se perguntar se ainda faz sentido estudar uma teoria já centenária, depois de atravessado o século de maior desenvolvimento científico da história da humanidade. Ela não estaria ultrapassada?

Recentemente, uma revista de ampla circulação nacional, publicou um grande artigo dedicado ao comentário de uma obra recém lançada na França, que declara categoricamente estar a psicanálise totalmente ultrapassada pelas novas descobertas das neurociências e de novos psicofármacos. Os autores anunciam a obsolescência da psicanálise, uma vez que a ciência tem identificado as bases neurológicas de distúrbios antes atribuídos ao psiquismo. Os neurotransmissores desmascararam o Édipo, pode-se concluir. Além do mais, afirmam que a psicanálise é um engodo, uma vez que seus resultados terapêuticos são pífios. A dobradinha psicofármacos de última geração/terapias cognitivas e comportamentais (TCC) prometem a felicidade imediata tão ao gosto desses nossos tempos de pressa e urgência, com a enorme vantagem de não implicar o sujeito em seu sofrimento. Isso seria realmente um alívio para o homem moderno, homem da razão, que se descobre acossado por um sofrimento que o surpreende sem que ele saiba como nem por quê.

Mas, será realmente possível a pílula da felicidade? Embora seja inegável o efeito das drogas mais recentes sobre o funcionamento químico do cérebro, e mesmo que muitas vezes sua indicação precisa seja necessária, é legítimo perguntarmos se seria possível, ou sequer pensável, a neutralização da dimensão psíquica. Será que um dia haverá remédio para o drama humano, aquele que ultrapassa a química cerebral?

“Viver é muito perigoso” já constatava o sertanejo das muitas veredas de Guimarães Rosa. Viver é mais que perigoso; viver é mortal para todos os seres vivos mas, só o ser humano sabe disso. E mais, sabe que está desamparado frente ao inexorável.

Sem muitos recursos instintuais, o ser humano inventou a cultura como modo de apropriação de sua frágil natureza. Condenado a viver o real biológico mediado pela cultura, e sabedor dos limites desse instrumento, o sujeito humano sofre as dores de sua própria constituição. Filho de Deus, mas filho expulso do paraíso, o homem vive uma condição privilegiada dentre os seres vivos, porém esse privilégio não é absoluto.

A psicanálise foi inventada para dar conta justamente desse desamparo que a modernidade, sem querer, potencializou. O grande contingente de “doentes dos nervos”, sobretudo histéricas, era já em meados do século XIX, o resultado de cem anos da modernidade que havia decretado o fim das certezas. Agora, cada sujeito precisava construir seu destino, inventar sua identidade. A liberdade, bem supremo conquistado com a Revolução Francesa, dotara o homem da possibilidade de escolha. Nascia o homem moderno. A liberdade conquistada aniquilou a tradição que, embora aprisionasse o destino humano, certamente o protegia da incerteza, da dúvida. O desamparo no qual o sujeito se constitui, aflorou. Nada mais o conduzia seguramente do berço ao túmulo. Agora era por sua exclusiva conta e risco. A ele cabia escrever esse percurso. Tudo o que antes era sólido em termos de identidade, começava a se desfazer. À pergunta “quem sou eu?”, anteriormente respondida pela tradição, agora o homem obtinha como resposta: “Você é o que quiser.” O homem estava sozinho, desamparado, obrigado a encontrar em si mesmo as respostas de sua existência.

A psicanálise foi criada para escutar esse drama absolutamente inédito. Ela inventa o psíquico, antes irrelevante para a vida do sujeito, e agora elevado ao estatuto ontológico. A psicanálise vem dar voz à subjetividade moderna, caracterizada pela divisão radical entre a razão, que pretende tudo dominar e saber, e o domínio do inconsciente que reina absoluto. O homem moderno é o homem da razão humilhada. Coube a Freud revelar isso. Passados mais de cem anos, essa revelação continua causando incômodo e a ciência ainda não desistiu de desmenti-lo. O erro está em acreditar que foi Freud quem criou a difícil condição humana caracterizada por habitarmos simultaneamente dois mundos completamente heterogêneos: o natural e o cultural. Freud criou o ferramental clínico-teórico para a abordagem dessa situação geradora do profundo mal-estar que a cultura cobra por viabilizar a vida humana. Nesse sentido, esperar que a psicanálise venha a ser superada é uma triste ingenuidade. Ser um animal cultural encerra em si uma contradição irremediável que jamais será ultrapassada, o que torna a psicanálise sempre atual, respondendo de certa forma nossa interrogação sobre a pertinência de seu estudo no raia do século XXI.

Já lá se vão quase 300 anos de uma era que obteve conquistas enormes, inimagináveis, mas cujos problemas se agudizaram na mesma proporção.

Vivemos um período que tem sido comumente definido como hipermodernity, justamente porque os elementos da modernidade se hiperestasiaram ao ponto de vivermos agora o que Zygmunt Bauman define como “modernidade líquida” na qual a liqüefação das estruturas sociais, antes sólidas (aí incluídos os vínculos entre os homens), cria o império do efêmero no qual vivemos. O provisório toma o lugar do definitivo.

O homem contemporâneo, desenraizado, flutua na incerteza de toda ordem, obrigado a ser feliz, convocado a gozar tanto e tão completamente que muitas vezes é a morte o que ele encontra a espreitá-lo. É a overdose de todo tipo, neste mundo violentamente over onde a falta de limites vai muito além das fronteiras nacionais, expondo o sujeito à profunda angústia de quem encara o inominável da condição humana.

Era de profundas contradições. Nunca, como agora, fomos tão poderosos e, ao mesmo tempo, tão desamparados. Vivemos o mundo mais globalizado de todos os tempos, e no entanto, nunca fomos tão sozinhos.

O mal-estar, identificado por Freud como inerente à condição humana, fica potencializado quando a hipermodernity expõe essas contradições humanas, escancarando nossa impotência. Angústia, medo é o que se apresenta diante dessa condição. A síndrome do pânico e a depressão são os sintomas destes tempos de agora, constituindo a expressão do sofrimento do homem desamparado.

O que pode a psicanálise oferecer para esse homem? Certamente, não a pílula da felicidade. Ela denunciou justamente a falácia de uma tal promessa, pois definiu com a máxima clareza a impossibilidade do gozo absoluto, quem em última instância, confunde-se com a própria morte. A clínica que Freud criou para dar conta desse sofrimento não se pauta pelos mesmos critérios médicos de remissão de sintomas. Por essa óptica seus resultados serão mesmo pífios, como acusam os autores da obra anteriormente mencionada.

O que se espera de uma análise é que ela conduza o sujeito a uma ressubjetivação de sua inserção no mundo, de tal sorte que ele possa viver em ressonância com seu desejo. Isso representa para o sujeito aceitar ser o que ele é e não o que pensa que deveria ser. Uma tal acomodação consigo mesmo, significa uma acomodação à condição humana, limite de cada um de nós. Certamente, essa vivência conduz ao desaparecimento dos sintomas de que o sujeito se queixava ao chegar na análise. Porém, essa cura não é o alvo da análise, sendo

mesmo secundária ao processo. O enorme benefício que a análise traz é a reconquista da liberdade de ser humanamente limitado. É a reinvenção da vida nos limites do possível. A terapêutica analítica é completamente original, representando uma ruptura com o conceito médico de cura. Para a psicanálise, a doença não é definida pela presença de sintomas, mas antes pelo sofrimento, denunciado pelos sintomas, de um sujeito vivendo em dissonância com sua verdade. E ninguém mais sujeito a esse sofrimento que o homem moderno, obrigado a ser feliz. A liberdade, que está na base do projeto da modernidade, acabou por degradar-se, na hipermodernidade, numa prisão na qual somos todos obrigados a responder ao imperativo de atingir o inalcansável. Agora, mais do que nunca, a psicanálise se torna indispensável para libertar o sujeito do risco de se dar em espetáculo, perdendo-se de si mesmo.

Campinas, janeiro/2006. Texto apresentado na abertura do primeiro ano do Curso Introdutório à Obra de S. Freud: Os Primórdios da Psicanálise, realizado na sede da ACP no primeiro semestre de 2006.
Presidente e analista da ACP.

Contra Freud. Revista Carta Capital, edição de 12 de outubro de 2005. (cópia disponível para consulta na sede da ACP).

Conforme as obras: Identidade, O Amor Líquido e O Mal-Estar da Pós-Modernidade, todas de Zygmund Bauman, editadas pela Zahar.